

Fernando Pessoa

## VI — O maestro sacode a batuta,

VI

O maestro sacode a batuta,  
E lânguida e triste a música rompe...

Lembra-me a minha infância, aquele dia  
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal

Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado  
O deslizar dum cão verde, e do outro lado  
Um cavalo azul a correr com um *jockey* amarelo,

Prossegue a música, e eis na minha infância  
De repente entre mim e o maestro, muro branco,  
Vai e vem a bola, ora um cão verde,  
Ora um cavalo azul com um *jockey* amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância  
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,  
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal  
Vestida de cão verde tornando-se *jockey* amarelo...  
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)

Atiro-a de encontro à minha infância e ela  
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés  
A brincar com um *jockey* amarelo e um cão verde  
E um cavalo azul que aparece por cima do muro  
Do meu quintal... E a música atira com bolas  
À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos  
De batuta e rotações confusas de cães verdes  
E cavalos azuis e *jockeys* amarelos...

Todo o teatro é um muro branco de música  
Por onde um cão verde corre atrás da minha saudade  
Da minha infância, cavalo azul com um *jockey* amarelo. . .

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,  
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa  
Com orquestras a tocar música,  
Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei  
E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância. . .

E a música cessa como um muro que desaba,  
A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,  
E do alto dum cavalo azul, o maestro, *jockey* amarelo tornando-se preto,  
Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,  
E curva-se sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,  
Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo. . .

8-3-1914

«Chuva Oblíqua». **Poesias**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15<sup>a</sup> ed. 1995): 30.

1<sup>a</sup> publ. in **Orpheu**, nº 2. Lisboa: Abr.-Jun. 1915.